

A ABELHA.

ASSIGNATURA

PARA A
CORTE.

Por um anno... 60000

PERIODICO UNIVERSAL.

ASSIGNATURA

PARA AS
PROVINCIAS.

Por um anno... 60000

Publica-se nos dias 15 e ultimo de cada mez. As correspondencias e reclamações devem ser dirigidas ao escriptorio da redacção, na rua do Sabão n.º 45, onde se recebem assignaturas.

Os lycées e os principios das sciencias naturaes,

Hoje que as sciencias phisicas e naturaes representão um papel tão consideravel pelos esforços continuos que empregão grandes intelligencias em applicar as suas descobertas aos fins economicos da vida, que não cultivadas só no campo das abstracções e subtilezas puramente theoreticas vão contribuindo tanto com suas forças de gigante para o desenvolvimento e bem estar da sociedade humana, deve o Brasil que vai pretendendo entrar na senda do progresso procurar, derramando o seu ensino, alargar mais e firmar os passos vacillantes com que caminha, para poder occupar o lugar que lhe compete entre as nações civilizadas.

Se nem todos podem frequentar os estudos superiores das academias, em que entre nós ainda são tão mal estudadas estas sciencias, se nos faltão inteiramente os cursos especiaes, publicos e particulares, onde ellas são postas ao alcance de qualquer intelligencia pela facilidade com que são tratadas pelos mais habeis professores, e pelas experiencias que a cada passo confirmão o gravão no espirito attento quaesquer pontos por mais complicados que sejam, é todavia mui digno de lastima, que occupem os cargos do estado, as vezes os mais elevados, pessoas que nesta época de illustração e progresso ignorão os mais comestibos principios em que se baseão os maravilhosos phenomenos da luz, do calor, e da electricidade, e parecem estar ouvindo hebraico ou sanscrito quando se lhes fallam nos progressos espantosos, que as mesmas sciencias tem feito, graças aos esforços e constancia dos sabios de todas as nações.

Convem portanto derramar quanto ser possa, o segundo os nossos meios actuaes esta ordem de conhecimentos, já reformando as academias, já fundando-as especiaes, e sobretudo introduzindo nos lycées os elementos d'estas sciencias.

Não seria além disso conveniente que a exemplo do que se pratica em França, na Allemanha e na Belgica os nossos lycées organisados, segundo o programma adoptado no collegio de Pedro II, podessem conferir o grao de bacharel em Lettras, sem o qual não fosse permittida a matricula nas academias?

Nem o ser provincial o ensino secundario é serio obstaculo á adopção d'esta idéa; por quanto feitas pelo governo, como tem já feito, segundo diz o Sr. ministro da imperio em seu relatorio, ás provincias as recommendações precisas para irem adoptando esse programma, bastaria que se organisassem n'esse pé, e conferissem o grão os lycées das cidades em que existem academias para poder principiar a vigorar a lei, que consagrasse aquella exigencia á admissão aos cursos superiores.

Os estudantes d'aquellas provincias, cujos lycées ainda não estivessem em estado de conferir o mencionado grão de bacharel em lettras, irião recebê-lo aos que o conferissem, segundo lhes fosse mais conveniente; e é muito de suppor que uma tal lei contribuisse a apressar, e tornar uniforme em todo o imperio, a reforma da especie de instrucção secundaria que por ora temos.

Nem são essas as unicas vantagens que poderiam resultar da medida apontada. Os moços que se dedicassem aos estudos su-

periores tendo adquirido maior copia de conhecimentos e mais solidos pelo rigor, que naturalmente se haveria de admitir em conferir o grão mencionado, farião mais progressos, e mais habilitados se acharião para preencher depois os seus deveres na sociedade. A conferencia d'esse grão seria mais um incentivo ao estudo para aquelles mandebos que não podem frequentar as academias. Os elementos das sciencias physicas e naturaes estudados convenientemente tenderião a despertar mais de uma vocação, e talvez desviassem dos cursos juridicos muitos individuos, que em pura perda para a sociedade gastão a intelligencia, e attenção que poderião melhor ser aproveitadas, se fossem applicadas a outra ordem de conhecimentos, que mais se ligão com o desenvolvimento de interesses mais immediatos ao paiz.

Aqui apresentamos o artigo a que nos referimos no numero anterior a respeito da importantissima descoberta de Mr. Lamy, aguardando a publicação do processo por elle empregado para o communicarmos aos nossos leitores.

A maravilha das maravilhas do palacio da industria.

Conservas alimentares de Mr. Lamy.

Na parte mais obscura e humilde do anexo da borda d'agua ha uma collecção de productos tão imprevisos, tão maravilhosos, e extraordinarios, que so depois de vistos e apalpados, pode-se acreditar na existencia d'ellos. Nada que se lhes assemelhasse havia ainda apparecido nos gloriosos concursos da sciencia e da industria; a brilhante conquista de Mr. Lamy seria só por si sufficiente a fazer realçar, sobre todas as exposições, a de 1855. Apesar de termos visto com os nossos olhos, e tocado com as nossas proprias mãos, ainda duvidamos, por que a nossa velha intelligencia como que recusa deixar-se levar pelos contos de fadas, com que nos embalarão na infancia.

Mr. Lamy, licenciado em sciencias physicas e mathematicas, professor da universidade, gosando de uma licença illimitada, e hoje pequeno negociante em Clermont-Ferrant, é uma das intelligencias mais elevadas, mais penetrantes e activas, que temos encontrado. Depois de cinco longos annos de tentativas e experiencias, apresenta-se como um

gigante, espantando o mundo por um d'esses rasgos atrevidos, que antigamente divinjavão os seus autores.

Elle adivinhou o segredo de conservar em seu estado natural, sem dessecação, sem compressão, sem cocção preliminar, sem fechar hermeticamente no vasio, todas as substancias mais susceptiveis de fermentar e decompor-se: quaesquer especies de carnes, legumes, fructas, a manteiga, o leite, tudo, até a levadura da cerveja, que é o mais instavel dos fermentos. Approximai-vos da modesta, muito modesta vitrina do modesto Auverneze, e vereis pendurados á direita e esquerda dous quartos de carneiro, um ja com cinco annos naturalmente reseccado, outro com dous annos inteiramente fresco, com quanto o não tenham protegido dos calores do estio; ambos estão perfeitamente conservados e com cheiro muito agradável.

Dous outros quartos veem-se, atravez dos vidros da vitrina, um, cru com o aspecto e as qualidades da mais bella carne, outro cosido e coberto da sua osmazona. Depois que a vista se vai habituando á obscuridade, veem-se com espanto em tres caixas couves-flores tão brancas, tão rijas, que parecem ainda intactas coroar o talo da planta; uvas, abrunhos e pecegos, e outras fructas tão bellas, como se ainda não tivessem sido colhidas, perdizes inteiras com as suas entranhas, um corvo, e um tordo feridos pelo caçador, e beterrabas colhidas nas terras ferteis de Bourdon. Em uma das beterrabas cortada ao comprimento pode contar-se todas as suas camadas successivas perfeitamente intactas; outra muito mais antiga, secca e endurecida, mas perfeitamente sã, brilha pelo reflexo de innumeráveis cristaes disseminados em seu tecido; prova irrecusavel de que o processo de conservação não só tornou impossivel a fermentação alcoolica, como tambem determinou a aglomeração, a cristallisação dos atomos assucarados, que so podem separar da polpa por uma simples lavagem. Fora das caixas, e em dous frascos apenas arrolhados a esmeril, que se podem abrir e fechar sem inconveniente algum, vê-se não sem admiração e espanto, leite ordenhado ha seis mezes, tão branco, tão homogeneo, tão bonito, como se tivesse acabado de sair das tétas da vacca, succo de beterrabas limpo, incoloro, sem ter nada perdido de seu cheiro e sabor característicos; tão proprio a dar a sacar ou alcool, como se estivesse correndo da prensa hydraulica. Mais alguns dias e veremos apparecer, sem duvida sobre um tropheo, um magnifico cabrito montez de quatro annos, preparado ha mais de dous, e que, depois de tanto tempo, pode ainda fazer as delicias de um amator da caça. Mr. Lamy hade expor também ao lado desse bello ani-

mal salmões, rodovalhos, lucios monstros, que hão de figurar no banquete imperial, que terá de coroar a Exposição Universal.

Esta descoberta tão ardentemente reclamada; tão impacientemente esperada e investigada, não é obra do acaso, e sim a applicação das mais sabias theorias.

Sem revelar o segredo do inventor, podemos dizer quaes os principios que lhe servem de ponto de partida; as duas operações essenciaes por que devem passar as substancias que se tem de conservar.

A decomposição e putrefacção das substancias animaes e vegetaes começa pela fermentação de um principio albuminoide, cuja natureza deve-se, primeiro que tudo, modificar precipitando-o ou coagulando-o pela acção de gases convenientemente escolhidos. Esta precipitação ou coagulação, operada em lugar fechado, bastão em muitos casos para determinar a conservação indefinida, quando se trata por exemplo de carnes de vacca, carneiro, porco; ás quasé podem ser expostas sem perigo depois de alguns dias ao ar livre. — Muitas vezes porem, como no caso de fructas, legumes e caça, esta preparação é insufficiente; por que é preciso despojar tambem a atmosphêra, que cerca essas substancias, do oxigênio, que segundo as indagações de Mr. Eduardo Robin, é a causa principal da fermentação e putrefacção. Mr. Lamy recorre então a certos saes, analogos ao protosulfato de ferro, e ao protochlorureto de cobre: mas sem nunca os pôr em contacto com as substancias que tem de conservar, para estas conservarem toda a sua pureza, potencia nutritiva, aroma e todas as outras qualidades primitivas.

O que parecerá ainda mais fabuloso é, que estes prodigios, que acabamos de mencionar, quasi nada custão. O preço das carnes e do leite apenas augmenta — 10 centimos por kilogramma ou por litro; 1000 kilogrammas de beterrabas, ou um hectolitro do seu succo, são conservados por menos de um franco; e tem-se a facilidade de extrahir o seu assucar ou alcool sem perda alguma em todo o mundo.

Vamos agora prevenir algumas objecções que se poderão fazer. O milagre executado por Mr. Lamy já tem a sanção do tempo; todas as suas preparações datão de muitos annos. Os quartos de carneiros encerrados na vitrina foram apresentados, ha mais de anno, á Sociedade da animação da industria, um quarto semelhante, assim como couves flores tiveram a honra de figurar na meza de S. M. o Imperador, que os achou deliciosos; durante todo o inverno ultimo, um armazem de Paris recebeu pecegos e damascos, tão excellentes, que sem difficuldade venderão-se por um franco e 25 centimos cada um.

Folheando os autores e compulsando os registros dos laboratorios, pode-se achar alguns exemplos, mais ou menos felizes, d'esta ordem, e a inveja não deixará de confessar ao modesto Mr. Lamy a novidade da sua descoberta, principalmente quando elle fiser conhecer os seus processos. Para aniquillar todas essas fataes accusações de plagiato, bastará tomar por testemunha a todo o mundo, como em nenhuma das exposições anteriores, nem mesmo na de Londres em 1851, nunca se viu nem a sombra de perdzidas com suas entraugas e pennas, nem uvas, framboesas e morangos tão agradaveis á vista, ao olfacto e ao gosto, como se fossem tiradas na occasião do seu pendunculo ainda vivo.

Um publicista celebre, Mr. Alphonse Karr, que muitas vezes advoga com eloquencia e coragem a causa do bom senso e justiça, criticou com fina ironia os methodos da conservação das substancias alimentares, por apparecerem em um tempo, em que são menos necessarios e uteis, em consequencia da raridade e preços elevados das carnes. O chistoso escriptor não encarou a questão sob o seu verdadeiro ponto de vista. As carnes estão raras e caras na Europa, mas abundão em Texas, no Canada e em diversos outros paizes do novo mundo. Temos ja importado d'esses paizes quantidades consideraveis de carnes salgadas, que só as aceitamos por necessidade; e evidentemente é essa uma solução muito incompleta do grande problema. A verdadeira solução é a de Mr. Lamy que tem a feliz pretensão de pôr ao alcance, mesmo do pobre, por preços mui baixos, as carnes de vacca, de porco, e de todos os animaes, que se cação nas margens privilegiadas dos grandes rios americanos, com toda a sua frescura e sabor delicado.

Cosmos.

Pede-se-nos a inserção da seguinte carta.

III. Sr. Dr. J. M. de Alencar, Redactor em chefe do *Diario do Rio de Janeiro*. — Sr. Incumbido pelo Sr. A. de Lamartine, de propagar o seu curso familiar de litteratura, hoje em publicação, eu estava seguro de que encontraria no Brazil apoio e sympathia. Nem podia ser d'outro modo. A nação, que bem que fello a lingua portugueza, pensa sempre como a franceza, a nação accessivel a todas as grandes, nobres, e generosas ideias, devia acolher com promptidão, uma obra do grande poeta, do immortal genio, que em vossa mesma phrase *perence mais a humanidade do que a França*

Porém é força confessar que eu estava longe de esperar o enthusiasmo com que acolheram meus primeiros passos n'esse sentido.

Consenti, Sr. que em nome do Sr. A. de Lamartine, e no meu eu me dirija a vossa pessoa como a um dos representantes mais intelligentes do progresso e do futuro do Brazil, para agradecer ardentemente a todos aquelles que se dignaram accudir ao nosso reclamo.

Consenti tambem que eu cite ao lado do vosso, os nomes dos Srs. Teixeira Leite, Dr. Galvão, Joaquim Bento de Souza Andrade, e Leonel de Alencar que igualmente se empenharam na propagação da obra do Sr. A. de Lamartine.

Honra á nação brasileira que comprehende que o genio não tem patria, ou antes que elle pertence a todas as nacionalidades! E disculpai este assomo de orgulho a um francez: respondendo os brasileiros, como o fizeram, ao apello do grande poeta comprovaram mais uma vez que as fronteiras da França são todas moraes, e que ella existe em toda a parte do mundo.

Dignai-vos acceitar, meu caro redactor, a segurança de minha distincta consideração.

Carlos Geyler.

Rio de Janeiro 16 de Junho de 1856.

Das doenças das arvores fructíferas, do meio de as evitar, e de as curar.

POR FERDINAND RUBENS, PROFESSOR DE ARBORICULTURA, E DIRECTOR DA SOCIEDADE DE ECONOMIA RURAL DA PRUSSIA RHENANA.

CAPITULO I

Origem da doença das arvores.

A cauza mais remota da doença de uma arvore, afóra a volhice, deve ser investigada quasi sempre fóra d'ella, e pouquissimas vezes na sua organização, pois que uma arvore carcomida ou contrafeita não chegou áquelle estado, senão por meio de uma cauza externa. A doença, isto é, a alteração das partes solidas ou liquidas não é senão uma consequencia d'esta cauza primeira.

Vamos pois indagar quaes são as principais causas do estado morbifico das arvores.

§ 1º *Terras contrarias.* — Quando uma arvore é transplantada de um viveiro, cuja terra é forte e bem estrumada, para um solo magro e enfraquecido, as suas raizes não encontram ali nutrição sufficiente. Então a affluencia da seiva torna-se vagarosa, ou pára

inteiramente: a seiva mesma se corrompe e torna-se corrosiva; e começam a apparecer logo varios symptomas morbificos, que annunciação a morte da arvore, se se lhe não accode com remedio a tempo.

§ 2º *Tratamento defeituoso.* — Bastantes vezes a maneira de se plantarem é cauza das innumeradas doenças a que as arvores se achão expostas. Por isso convém não plantal-as em covas mui pequenas. Este mal pouco se minora com o encher as covas de boa terra, pois que as raizes tenras, ramificando-se depressa por entre esta terra, e encontrando ao cabo a terra muito forte, cessão de crescer, começam a enferrujar-se e morrem. O plantar-se as arvores mui profundamente concorre tambem para a sua morte. N'este caso a parte superior da corôa das raizes não cria forças, as que existem mirrão-se, e a arvore é interrompida no seu desenvolvimento.

O emprego de um adubo demasiado fresco cria de ordinario a ferrugem, que se torna em podridão, que é a sua consequencia natural.

Um esgalhar feito fóra de tempo, uma lesão na casca, a fricção contra o tronco, o corte dos ramos são causas, muitas vezes, de doenças perigozas: é o de que padecem quasi sempre as arvores de caroço. Qualquer ferida na casca produz n'estas ultimas arvores, a *gommia*. A chaga torna-se preta; a affluencia da seiva ataca as partes saãs do ramo ou do tronco, que se mirrão, e morrem a pouco e pouco. E' só amputando, até entrar no são, as partes doentes, e cobrindo a chaga com pez derretido, que o ramo ou o tronco se podem salvar, mas convém que este remedio energico seja feito a tempo.

§ 3º *Humidade, secura, insuficiencia de luz e de ar.* — Nos terrenos sujeitos ás inundações ou muito fundos, nos lugares privados de ar e sol, pela visinhança de grandes edificios, o musgo apparece nas arvores, e cauza o enfraquecimento da seiva, e as molestias que d'ahi resultão. Tenros arbustos, collocados em meio de grandes arvores, estão expostos a este mal. — Accresce que sendo isto cauza de humidade continua e nociva, a geada exerce n'estes vegetaes uma acção perigosa. Plantadas muito perto umas das outras, as arvores padecem igualmente por falta de ar e de luz. A podridão, a gommia e musgo, são as doenças mais uzaes das arvores, que se crião nos sitios sombrios, onde o ar circula pouco, e onde existem, por consequente, exhalações nocivas.

Uma longa socca não é menos prejudicial ás arvores plantadas em um solo demasiado solto, e que não póde conservar a humidade

necessaria ás raizes, do que uma humidade constante ó é nas que se crião em terrenos pantanosos.

§ 4º *Circunstancias atmosfericas desfavoraveis.* — As mudanças atmosfericas muito repentinas, a passagem subtil do calor ao frio, mórmente depois de tempestades, prejudicão muito as arvores, e occasionão muitas molestias.

A acção dos relampagos póde, em poucos momentos, destruir a mais bella florescencia, como a melhor colheita. A geada e o granizo, fóra de tempo, sobretudo quando o outono fôr humido e quente, e que o inverno vem cedo, são prejudicialissimos. A seiva não estando sufficientemente forte, congella-se com facilidade; o augmento do seu volume faz arrebentar o tecido cellular, e a economia da arvore desaparece. Este caso tambem se póde dar na primavera quando sobrevem grandes fios depois do prazo, em que o movimento da seiva começou.

O granizo, a geada, a saraiva, e as tempestades fazem bastantes vezes innumerous estragos.

§ 5º *Fraqueza ou superabundancia de forças nutritivas.* — Um terreno enfraquecido e de qualidade inferior, uma secca prolongada, uma lesão nas raizes roubão, muitas vezes, as arvores as forças nutritivas que lhe são precisas. O terreno póde tornar-se melhor pelas cavas, por frequentes destorroamentos, pela mistura de terras fortes proprias e pelos estrumes: os effeitos de uma longa secca podem ser combatidos pelas regas ás folhas e ás raizes; o desenvolvimento d'estas póde ser estimulado por frequentes cavas; se ellas forem atacadas pelos ratos, ou pelas toupeiras, que minhando sob a corda das raizes, as roão, póde remediar-se este mal, quer matando estes animaes, quer extrahindo-se-lhes a terra, e substituindo-a por outra. Taes são os mais efficazes meios de se curarem as arvores privadas dos elementos nutritivos de que carecem: A superabundancia dos principios vitais não tem senão o inconveniente, de que os vasos que os formão, não passam preencher as suas funcções, e que a cauza de se aglomerarem em varios sitios. O que occasiona esta doença é: um adubo abundante principalmente quando se empregao estrumes frescos e animaes, a lesão do tronco, ou das raizes; ou um solo demasiadamente humido e sombrio. O mal conhece-se pelas nodos de ferrugem que apparecem nas folhas.

Para remediar este mal, é preciso, no primeiro caso, substituir-se o estrume por terra boa; e no segundo, isto é, quando a humidade for permanente, sangrar a terra por meio de pequenos regos, que permitão o escoamento das aguas.

§ 6º *Circulação irregular da seiva.* — A circulação da seiva é defeituosa quando é muito rapida ou finalmente, quando senão reparte igualmente por todas as partes da arvore.

A. — *Circulação demasiado rapida.* — Esta actividade da seiva não se nota senão nas arvores sadias e fortes, e não se lhe póde chamar, com propriedade, molestia. A sua consequencia, immediata é a esterilidade. A cauza deve ser attribuida ao excesso de mocidade e de saude da arvore, e sobretudo a um solo forte em demasia: a fructificação não apparece senão quando este rapido crescer cessa.

B. — *Circulação demasiado lenta.* — As arvores atacadas d'esta molestia, apresentam rebentos debéis, acompanhados de botões fructiferos numerosos, que de ordinario cahem ao tempo de florirem.

As causas são: máo solo; terreno arenoso e solto; algum defeito nas raizes; os vasos da casca apertados; e a velhice.

No primeiro caso, cumpre melhorar a terra, remechendo-a de vez em quando, além de que o sol, a chuva, e o ar possam penetrar n'ella; póde tambem recorrer-se ao decote diminuindo os ramos. — No segundo, é conveniente examinar as raizes, e fazer desaparecer tudo o que se oppoz ás suas funcções. — No terceiro devem-se fazer incisões na casca do tronco e dos ramos, estimular a casca pelas fricções, e empregar estrumes energicos, taes com o os estrumes de gallinhas, de pombos, de carneiros, e mesmo sangue, a fim de reanimar a seiva.

C. — *Circulação dengual.* — Quando a circulação se verifica desigualmente, acontece ver-se ás vezes uma ou mais partes da arvore vivazes e fortes, enquanto outras desfloram. Se esta desigualdade não provem de algum decote vicioso, deve-se-lhe investigar as causas no aperto dos vasos, onde circula a seiva, na sua falta de irritabilidade, ou em algum obstaculo material. Se a parte que padece está ainda saã, recorre-se a incisão; porém se está atacada de alguma molestia, é bom deceptar a fim de salvar a arvore.

§ 7º *Seiva contaminada.* — As causas d'esta molestia podem ser, máo solo, terreno humido demais, em pantanoso, transpiração impedida por uma longa humidade, lesão nas hastes ou nas raizes, circulação incompleta da seiva, ou a idade da arvore. — Se a arvore já é velha, e se a doença já está estabelecida, difficilmente será possivel restabelecer a circulação; até mesmo o decote de um ou mais ramos doentes da arvore, e o mais das vezes, de pouca utilidade, porque o mal passa para outras partes. O que ha de melhor a fazer, é substituir a arvore velha por uma nova. Se a arvore for nova, convem melhorar a terra etc.

§ 8º *Diminuição das forças.*—Quando o crescimento de uma arvore pára, quando não dá hastes no verão, o quando as suas folhas amarellecem mais que de ordinario, é fóra de duvida que as suas forças começam a diminuir.

As cauzas d'esta diminuição podem provir:

1º De uma forte geada, que, fazendo inchar demasiadamente os vasos, produz feridas.

2º De um calor excessivo, que secca e endurece os vasos de modo que não podem depois alargar-se sufficientemente para receberem a seiva.

3º De uma humidade prolongada que relaxa as fibras.

4º De um terreno máo, com que a arvore senão dá bem.

Os meios que ha a empregar para animar as forças de uma arvore, devem regular-se pelas cauzas da doença.

Se o frio foi a cauza, ou a casca rachou, ou ficou intacta. No primeiro caso, se se trata de arvores velhas, é forçoso cortar a maior parte dos ramos, a fim de que a arvore não se esgote em nutrir inutilmente grande porção de hastes:— deve-se também tapar as fendas produzidas pelo frio com um unguento de greda e bosta de boi, e mais tarde cortar até ao vivo a casca morta, a fim de que a chaga a cicatrize.

Se a casca não se fendeo, ainda que as funções dos vasos estejam interrompidas, o que se reconhece pela debilidade dos rebentos da primavera, faz-se no tronco um corte longitudinal, a fim de diminuir a forte tenção da casca, de a estimular, e de restabelecer o equilibrio. N'este caso convém mexer na terra, e estrumar-a com bom estrume de boi.

Nas grandes seccas é necessario reanimar a arvore pela réga ás folhas e ás raizes. E' bom também humederer a casca, esfregando-a com grandes pedaços de lã embebidos de agua.

As chuvas prolongadas fazem menos damno ás arvores, e cauzão-lhes menos estragos no futuro, do que uma longa secca, com tanto que a arvore não esteja em sitio, onde a humidade seja permanente. Este mal não se obvia senão fazendo escoar as aguas.

Se a diminuição das forças provem da má qualidade do solo, convém tirar a terra até as raizes, e substituí-la por outra mais sustancial. Se provém de velhice da arvore, póde remediar-se este mal por cavas frequentes, pelos estrumes, pelo decóte de alguns ramos, approximando uns de outros, e limpando o tronco. Porém se estes meios não forem efficazes; se por velhice os vasos já se achão ossificados, deve arrancar-se a arvore, e substituí-la por outra de uma especie differente.

(Continúa).

Ainda o envenenamento pela essencia de terebentina.

Ao que dissemos no ultima numero sobre a descoberta de Mr. Marchal de Calvi temos a accrescentar, que elle julga que as emanações das flores obrão de duas maneiras sobre a economia indiesyncratica ou toxicamente; que o modo da acção dos vapores de terebentina consiste principalmente em uma hyposthenisação mais ou menos profunda; que o tratamento estimulante energicamente administrado é o que convem contra este envenenamento, e que não se deve deixar de executar a acção peristaltica do intestino pelos meios apropriados.

E' de mui grande importancia a observação em que Mr. Marchal baseou a sua theoria. Uma moça que, havia já bastantes dias, habitava um aposento pintado de fresco, cahio de repente gravemente doente. O primeiro symptoma que apresentou forão colicas; depois ficou como aniquillada, apresentando palidez mortal no rosto, o contorno dos olhos *cyanosado*, o globo enterrado, os labios apenas moveis, a respiração fria, a voz extincta, os membros frios e sem resolução, o pulso quasi inensível, sem frequencia, a vista fraca e perturbada, e com a intelligencia sã a doente sentia-se morrer. Os estimulantes applicados interior, e exteriormente reanimarão-n'a, e depois de algumas repetições, immediatamente reprimidas, da crise hyposthenica, a doente restabeleceo-se, mas só no fim de um mez.

O doutor Latellier contes'a a verdade das conclusões de Mr. Marchal; suppõe não serem deletorios os vapores da essencia de terebentina, e que obrão somente sobre o cerebro a maneira dos alcoolicos.

O autor do artigo a que nos referimos suppõe haver exaggeração de ambos os lados, porque, diz elle, ha pessoas que não podem respirar a essencia de terebentina sem soffrerem graves incommodos, e o que prova acção real da essencia de terebentina sobre o organismo é o cheiro de violetas, que adquire a ourina das pessoas que por muito tempo a respirão.

Modo de fazer bom chá.

O chá, para ser uma bebida saborosa, convem que seja feito de modo, que se lha aproveitem todos os seus principios aromaticos.

Primeiro que tudo deve haver todo o cuidado em que a agua seja bem pura, e a vasilha, em que esta se ferve, esteja bem limpa. Se o fumo se introduz na agua, convem lançal-a fora, e não se servir d'aquella

vasilha senão depois de bem escaudada. O chá preto dá-se bem com a maior parte dos temperamentos.

Por cada quatro chicaras de chá, que se quizer, lancem-se dentro do bule, depois de bem escaudado, 4 porções, medidas por uma colherzinha de chá, duas de chá preto de pontas brancas, uma de perola e outra de hysson; que devem ficar de infusão por cinco minutos em pouquissima agua. Passado este intervallo deita-se-lhe dentro agua a ferver e cinco minutos depois pode-se servir o chá.

Nunca se deve temperar as chicaras: é este um máo costume que se deve evitar; mas com as chicaras deve ir o assucareiro e a leiteira, afim de que cada pessoa tempere a seu gosto. A's vezes um bom chá desagrada a muitos individuos, que o reputão máo, por não estar temperado ao gosto de cada um.

Nunca deve renovar-se a agua no bule, sem primeiro lhe ter lançado metade da porção do chá, que da primeira vez se deitou, e sem ter estado de infusão.

Extr.

A Gallinha da Cochinchina.

Uma das aves de criação mais notaveis que existem, é certamente a gallinha, á que se deo o nome de *gallinha-abestruz*, oriunda da Cochinchina.

Esta ave gigantesca, introduzida recentemente na Inglaterra pela rainha Victoria, apenas existe nos predios rusticos do dominio real.

Esta especie excede, em grandeza e vigor, a tudo quanto se reconhece até hoje do genero gallinaceo. A sua cor geral é de um baio escuro, carregado e brilhante, com um signal preto, em forma de ferradura, no peito. A crista é de dimensões ordinarias, de forma algum tanto dentada, tendo por baixo do bico duas membranasinhas.

Independentemente de sua grandeza, estas gallinhas apresentam ainda outros caracteres distinctivos, entre os que avullão os seguintes. — A disposição das pennas por detrás do pescoço do gallo começa de baixo para cima: a aza é articulada de modo que a metade posterior póde, a vontade, ser revirada e levantada entre a metade anterior e o corpo.

Ainda a carne d'estas gallinhas não foi provada, porém se se der attenção á cor branca e á delicadeza da pelle, tudo promete um gosto delicado e saboroso.

Os ovos que põem as gallinhas d'esta especie são muito grandes, de cor de chocolate e muito gostosos. Uma que figurou na exposição dos productos agricolas da sociedade de Agricul-

tura de Dublin, tinha já posto 94 ovos em 103 dias.

Espera-se que esta raça, cruzada com a raça corpulenta de Dorking, produzirá novas e estimadas variedades.

Extr.

A Rosa.

A rosa foi estimada e cultivada nos maisremotos tempos; achamos as primeiras noticias sobre esta magnifica flôr nas obras judaicas. Salcmão celebrou a rosa nas poesias que se lhe attribuem. Os gregos com sua imaginação rica e poetica, e os romanos, seus successores, tratavão da rosa com uma predilecção apaixonada. As suas poesias são cheias de versos, que varião incessantemente entre as mais delectositas figuras e amenas comparações, sem jámais cansarem o espirito do leitor. Anacreonte chama a rosa a bellissima das flores, e apesar da sua avançada idade coroava-se com ellas, e espalhava-as pelo seu leito. Todos os poetas attribuem á rosa uma origem divina; porém differe essa origem conforme a phantasia de cada um. Os poetas latinos da meia idade, não são menos ferreis nas suas creações. Os primeiros authores christãos, apesar do seu character serio, não poderão renunciar ás impressões, que esta agradável flôr exerce sobre o espirito de todos aquelles, que a natureza brindou com algum sentimento do bello. Lemos na vida dos Santos, que uma virgem que tinha soffrido em Cesarea a morte de martyr, mandara a um pagão rosas do Paraíso no meio do inverno, pelo que elle se converteo. Nas obras dos padres e em diversas outras mais modernas encontramos muitos milagres d'essa natureza; e todos conhecem aquelle encanto das rosas, que nos relata a legenda da Landravina de Turange, Santa Isabel. Ainda mais do que pelos gregos as rosas foram estimadas pelos romanos. O luxo d'elles a este respeito chegava a uma mania, o que prova que n'aquelle tempo a cultura das rosas devia ser muito extensa. Elles coroavão-se e semeavão o chão de rosas. Nas festas de Cybele semeavão-se as ruas com folhas de rosas. Em certas occasiões a superficie da lagoa Lucrina ficava coberta de rosas, e n'uma festa de Nero gastavão-se 500.000 francos somente na compra d'estas flores. Este facto prova mais que todos os commentos, qual o luxo n'essas occasiões. Os vinhos nobres recebão a sua verdadeira consagração e graça pela tempera de rosas e suas folhas, e a agua de rosas servia para banhos. Helio gabalo mandou encher um tanque de peixes com agua de rosas. Também parece provado que os romanos conhecerão a

cultura de inverno, e sabião fomentar o desenvolvimento d'aquellas plantas, que servião para o seu luxo e devassidões. Este uso não diminuiu mais tarde; e como prova, só citaremos, que o sultão Saladino quando conquistou Jerusalem em 1180 mandou lavar as paredes do templo, antes de o transformar em mesquita, com agua de rosas, em cujo transporte forão empregados 500 camellos. Duzentos e cincoenta annos mais tarde, em 1455, Mahomed II fez o mesmo na igreja de Santa Sophia. O estabelecimento de plantação de rosas em Salency attribue-se a S. Medardo, que viveo no quinto seculo. A rosa foi finalmente considerada, e ainda é hoje, por todos os povos como a rainha das flores. Um naturalista francez estimado, conhecido no mundo botânico, e que grande merecimento adquirio pelos esclarecimentos que tem produzido ácerca do melhoramento das plantas, o professor Henry Lecoq, de Clermont-Ferrant, diz depois de haver bem estudado quasi todos os generos de plantas:

« Não creio que em todo o mundo possa apresentar-se um genero de plantas, ao qual a humanidade tenha consagrado mais atenções e cuidados, nem que tenha em maior gráo merecido o vivo amor dos homens, do que as roseiras; sobre nenhum outro a arte do jardineiro tem fundado tantas esperanças; de nenhum esperou tantos e tão brilhantes resultados; de modo que tem desaparecido quasi completamente os seus verdadeiros typos originaes, nascendo em seu lugar milhares de variedades, dignas de preferencia e cheias de belleza particular e novo encanto.»

Não menos que nos tempos antigos, também hoje em dia se mostra predilecção particular constante pela rosa.

Em todo o jardim, que tenha pretensões á belleza e bom gosto, os pontos mais lindos e brilhantes crião-se por meio de rosas, pela collocação pittoresca de algumas roseiras de esplendor, ou pela formação de grupos densos, e aléas elegantes d'essas arvoresinhas altas com suas corôas nobres, e segundo suas diversas cores. As grandiosas estufas de inverno nas capitães da Allemanha, França, Inglaterra, Russia e outros paizes são fabulosas; e sómente da encantadora rosa de musgo-centifolia colhem-se muitos milheiros annualmente. Da rosa de Bourbon «souvenir de la Malmaison» e da de Remont de la Reine gastão-se em Berlim todos os annos para ornamento das janellas e salas uma enorme quantidade, e apesar da zelosa cultura dos jardineiros d'essa cidade ainda recebe uma grande porção do exterior. Os rosaes, que se vão estabelecendo todos os dias, são tratados com o maior zelo e desvelo, e produzem os mais deliciosos effeitos e encantadoras impressões por meio

de grupos do melhor gosto. Em Inglaterra, onde muito se estima a rosa, achão-se os maiores rosaes do mundo. No condado de Herefordshire por exemplo ha alguns que comprehendem a superficie de 40 geiras. Um jardineiro de rosas de Sawbridgeworth vende, só nas suas visinhanças, mais de dez mil rosas de musgo por anno. Os celebrados prados relvados de veludo verdes da Inglaterra, são com preferencia adornados de rosas das mais vivas cores. Na Russia a classe mais elevada, pelo luxo e trabalho cuidadoso que consagra á cultura das rosas, deixa bem perceber o grande prazer que acha n'estas flores. O conde Bobrinsky trata cuidadosamente de mais do 2000 roseiras; e o principal ornamento dos quartos do imperador no palácio de Taurida é de rosas. Também na Italia muito se cultivão, e a doçura do clima não exige lá muitas precauções. A França que sob seu suave céu produz quasi exclusivamente variedades novas, manda para todas as partes do mundo roseiras que produzem flores das mais puras e bellas formas e cores. (*) Mas debaixo da influencia da fresca natureza da Allemanha é que a rosa alcança o seu maximo gráo de perfeição. De dia em dia apparecem nas diversas paragens da Allemanha novas rosas, que esthericamente entrelaçadas com outras flores, transformão os contornos das moradas em magnificencias do paraizo. Todos os annos celebra-se nas grandes e pequenas capitães da Allemanha a festa das rosas, e exportão-se em grandissima escala as mais bellas variedades de todos os tamanhos; o que contribue poderosamente para a propagação d'este brilhante adorno do reino das flores. Eu mesmo tenho nos meus rosaes mais de mil e quinhentas variedades, das quaes mais de 150 formão o brilhante grupo da airosa rosa de musgo. Os meus viveiros que se compõe de roseiras baixas, medianas e altas, cobrem muitas geiras de terra, e contão independentemente da rica, fresca e no a geração, perto de 20.000 individuos, dos quaes a melhor e mais bella parte é quasi toda destinada á exportação para todas as partes do mundo.

Se em todos os tempos se tem conservado o amor á cultura das rosas, este muito mais se tem desenvolvido depois que a cultura sensata tem conseguido tornar quasi continua a sua florescencia. Não só no lindo mez de maio, mas até aos fins do outono e principios do inverno as nossas roseiras desenvolvem hoje facilmente novas folhas, botões, e flores ao ar livre, sendo muitas vezes no seu maior esplendor de magnificencia enterradas sob as asperezas do inverno. Os jardins em que se

(*) Somente para a Inglaterra a França tem mandado em cada um d'estes ultimos annos perto de um milhão de roseiras.

achão copiosamente estas novas e tão aperfeiçoadas rosas, isoladas, ou em grupos diversos sobre a relva, ou como arvorezinhas coroadas nas aléas, apresentam nos fins do anno, mesmo quando já cahirão os ultimos enfeites do reino vegetal, a amena pintura da primavera e verão, e começam apenas a ressentir-se pelos fins de outubro ou principios de novembro. Muitas roseiras florescem n'esses ultimos tempos melhor, mais perfeitas, e apresentando um colorido mais carregado e fresco em suas petalas, do que durante o verão secco e ardente. A impressão que, no outono tão pobre de flores, e quando os campos já estão cobertos de neveiros, causão as rosas no animo do amigo do bello real é mui differente da que recebe no verão, quando tem renascido por toda a parte a natureza, no meio da indisivel multiplicidade das outras flores. E' a impressão da primavera eterna, e da perpetua mocidade.

Herger, jardineiro florista em Kostritz.

As terras virgens e cansadas.

Nas regiões occidentaes da Europa não ha terras virgens, porque de tempo immemorial todas já forão cultivadas.

Semelhantemente não ha terras cansadas, o mesmo nome sendo desconhecido ao lavrador. Os cultivadores da Alemanha, França, e Inglaterra sabem, que para assegurar a fertilidade sempre activa do terreno, é preciso mudar de cultura annualmente até que tenha sido cultivado um certo numero de vegetaes, cujas qualidades correspondão a natureza do chão, assim como ao seu estado depois de cada colheita. Este modo de cultura denomina-se « Agricultura rotativa, » denominação que exprime muito bem a idéa do objecto, comprehendendo a cultura de certa planta, e de varias outras em seguimento, até que o lavrador torne de novo a cultura da primeira. Ha rotações d'esta sorte de tres até seis e mais annos, que principião pela cultura dos rabanetes, passão as culturas do trigo, trefolio, leguminosas &c., para afinal tornar á cultura dos rabanetes.

D'esta maneira, e com o auxilio do estrume, a terra conserva-se sempre n'um estado de fertilidade; e antes do total esquecimento do termo « terra cansada » não haverá no Brasil uma agricultura racional.

Se ha terras cansadas no Brasil ellas não existem senão por falta de conhecimentos agromicos, porque na parte boreal da Europa todo o mundo sabe, que um vegetal que é sempre cultivado no mesmo terreno torna-se menos proveitoso, até finalmente dar um ren-

dimento que não paga mais as despezas da sua cultura. Este phenomeno é natural, quando se considera a natureza da planta, que exige para a formação de suas partes constituintes certas partes constituintes do terreno, as quaes vindo a faltar, não podem mais dar alimento á mesma planta. Isto porém não quer dizer, que a planta se alimente com as mesmas partes constituintes do solo no seu estado natural, mas antes u'uma fórma, em que ellas convém á sua natureza. Mas para obter esta outra fórma são necessarias as mencionadas partes constituintes do solo, de outra sorte ellas não podem ser de compostas e conduzidas á planta, que não pôde receber como alimento, senão partes fluidas ou em fórma de gaz.

Todavia este estado não justifica ainda o termo de terra cansada, porque o mesmo terreno tem abundancia de materias para o crescimento de outros vegetaes de differente composição.

Se por exemplo um alcali ou acido entrão em grande proporção nas partes constituintes de uma planta, e que o terreno não os contenha em quantidade sufficiente, esta planta não poderá prosperar. O trigo só em terra de pouso pôde ser plantado duas vezes successivamente, porque elle requer muito acido silicoso e alcali, que o nosso terreno no norte da Europa não pôde fornecer rapidamente. Pelo contrario a cevada permite ás vezes duas, e a aveia tres colheitas successivas. Por esta razão um campo de trigo deveria estar sem cultura, até que a natureza tivesse produzido outra vez a necessaria quantidade de acido silicoso e alcali, mas como o descanso do terreno é sempre prejudicial ao proprietario, é preciso escolher plantas que ou não demandão estas substancias para o seu crescimento ou ao menos a requerem em menor quantidade.

Segundo recentes analyses a palha de trigo, trefolio, palha de ervilha, rabanetes &c., contem as seguintes quantidades d'alcali e acido silicoso na colheita de um hectare francez:

	Alcali	Acido silicoso
Palha de trigo	23.27 hilogr.	129.13 hilogr.
Trefolio	114.00 »	28.80 »
Palha de ervil.	14.40 »	22.32 »
Rabanetes	112.20 »	12.75 »

Do que resulta que a palha de trigo exige de quatro até dez vezes mais acido silicoso do que o trefolio, palha de ervilhas e rabanetes, e que uma cultura continua de trigo não é possível, sem ao mesmo tempo poder fornecer-lhe a quantidade necessaria de acido silicoso. O mesmo pôde dizer-se das outras substancias contidas no trigo; e tambem dos algarismos citados a respeito do alcali se vê

cultura de inverno, e sabião fomentar o desenvolvimento d'aquellas plantas, que servião para o seu luxo e devassidões. Este uso não diminuiu mais tarde; e como prova, só citaremos, que o sultão Saladino quando conquistou Jerusalem em 1180 mandou lavar as paredes do templo, antes de o transformar em mesquita, com agua de rosas, em cujo transporte forão empregados 500 camellos. Duzentos e cincoenta annos mais tarde, em 1435, Mahomed II fez o mesmo na igreja de Santa Sophia. O estabelecimento de plantação de rosas em Salency attribue-se a S. Medardo, que viveo no quinto seculo. A rosa foi finalmente considerada, e ainda é hoje, por todos os povos como a rainha das flores. Um naturalista francez estimado, conhecido no mundo botânico, e que grande merecimento adquirio pelos esclarecimentos que tem produzido ácerca do melhoramento das plantas, o professor Henry Lecoq, de Clermont-Ferrant, diz depois de haver bem estudado quasi todos os generos de plantas:

« Não creio que em todo o mundo possa apresentar-se um genero de plantas, ao qual a humanidade tenha consagrado mais attentões e cuidados, nem que tenha em maior gráo merecido o vivo amor dos homens, do que as roseiras; sobre nenhum outro a arte do jardineiro tem fundado tantas esperanças; de nenhum esperou tantos e tão brilhantes resultados; de modo que tem desaparecido quasi completamente os seus verdadeiros typos originaes, nascendo em seu lugar milhares de variedades, dignas de preferencia e cheias de belleza particular e novo encanto.»

Não menos que nos tempos antigos, tambem hoje em dia se mostra predilecção particular constante pela rosa.

Em todo o jardim, que tenha pretensões á belleza e bom gosto, os pontos mais lindos e brilhantes crião-se por meio de rosas, pela collocção pittoresca de algumas roseiras de esplendor, ou pela formação de grupos densos, e aléas elegantes d'essas arvoresinhas altas com suas corôas nobres, e segundo suas diversas côres. As grandiosas estufas do iverno nas capitães da Allemanha, França, Inglaterra, Russia e outros paizes são fabulosas; e sómente da encantadora rosa de musgo-centifolia colhem-se muitos milheiros annualmente. Da rosa de Bourbon «souvenir de la Malmaison» e da de Remont de la Reine gastão-se em Berlim todos os annos para ornamento das janellas e salas uma enorme quantidade, e apesar da zelosa cultura dos jardineiros d'essa cidade ainda recebe uma grande porção do exterior. Os rosacs, que se vão estabelecendo todos os dias, são tratados com o maior zelo e desvelo, e produzem os mais deliciosos effeitos e encantadoras impressões por meio

de grupos do melhor gosto. Em Inglaterra, onde muito se estima a rosa, achão-se os maiores rosacs do mundo. No condado de Herefordshire por exemplo ha alguns que comprehendem a superficie de 40 geiras. Um jardineiro de rosas de Sawbridgeworth vende, só nas suas visinhanças, mais de dez mil rosas de musgo por anno. Os celebrados prados relvados de veludo verdes da Inglaterra, são com preferencia adornados de rosas das mais vivas cores. Na Russia a classe mais elevada, pelo luxo e trabalho cuidadoso que consagra á cultura das rosas, deixa bem perceber o grande prazer que acha n'estas flores. O conde Bobrinsky trata cuidadosamente de mais do 2000 roseiras; e o principal ornamento dos quartos do imperador no palacio de Taurida é de rosas. Tambem na Italia muito se cultivão, e a doçura do clima não exige lá muitas precauções. A França que sob seu suave céu produz quasi esclusivamente variedades novas, manda para todas as partes do mundo roseiras que produzem flores das mais puras e bellas formas e cores. (*) Mas debaixo da influencia da fresca natureza da Allemanha é que a rosa alcança o seu maximo gráo de perfeição. De dia em dia apparecem nas diversas paragens da Allemanha novas rosas, que estheticamente entrelaçadas com outras flores, transformão os contornos das moradas em magnificencias do paraizo. Todos os annos celebra-se nas grandes e pequenas capitães da Allemanha a festa das rosas, e exportão-se em grandissima escala as mais bellas variedades de todos os tamanhos; o que contribue poderosamente para a propagação d'este brilhante adorno do reino das flores. Eu mesmo tenho nos meus rosacs mais de mil e quinhentas variedades, das quaes mais de 150 formão o brilhante grupo da airosa rosa do musgo. Os meus viveiros que se compõe de roseiras baixas, medianas e altas, cobrem muitas geiras de terra, e contão independentemente da rica, fresca e nova geração, perto de 20,000 individuos, dos quaes a melhor e mais bella parte é quasi toda destinada á exportação para todas as partes do mundo.

Se em todos os tempos se tem conservado o amor á cultura das rosas, este muito mais se tem desenvolvido depois que a cultura sensata tem conseguido tornar quasi continua a sua florescencia. Não só no lindo mez de maio, mas até aos fins do outono e principios do inverno as nossas roseiras desenvolvem hoje facilmente novas folhas, botões, e flores ao ar livre, sendo muitas vezes no seu maior esplendor de magnificencia enterradas sob as asperezas do inverno. Os jardins em que se

(*) Somente para a Inglaterra a França tem mandado em cada um d'estes ultimos annos perto de um milhão de roseiras.

achão copiosamente estas novas e tão aperfeiçoadas rosas, isoladas, ou em grupos diversos sobre a relva, ou como arvorezinhas coroadas nas aléas, apresentam nos fins do anno, mesmo quando já cahirão os ultimos enfeites do reino vegetal, a amena pintura da primavera e verão, e começam apenas a ressentir-se pelos fins de outubro ou principios de novembro. Muitas roseiras florescem n'esses ultimos tempos melhor, mais perfeitas, e apresentando um colorido mais carregado e fresco em suas petalas, do que durante o verão secco e ardente. A impressão que, no outono tão pobre de flores, e quando os campos já estão cobertos de neveiros, cauzão as rosas no animo do amigo do bello real é mui differente da que recebe no verão, quando tem renascido por toda a parte a natureza, no meio da indisivel multiplicidade das outras flores. E' a impressão da primavera eterna, e da perpetua mocidade.

Herger, jardineiro florista em Kostritz.

As terras virgens e cansadas.

Nas regiões occidentaes da Europa não ha terras virgens, porque de tempo immemorial todas já foram cultivadas.

Semelhantemente não ha terras cansadas, o mesmo nome sendo desconhecido ao lavrador. Os cultivadores da Alemanha, França, e Inglaterra sabem, que para assegurar a fertilidade sempre activa do terreno, é preciso mudar de cultura annualmente até que tenha sido cultivado um certo numero de vegetaes, cujas qualidades correspondão a natureza do chão, assim como ao seu estado depois de cada colheita. Este modo de cultura denomina-se « Agricultura rotativa. » denominação que exprime muito bem a idéa do objecto, comprehendendo a cultura de certa planta, o de varias outras em seguimento, até que o lavrador torne de novo a cultura da primeira. Ha rotações de esta sorte de tres até seis e mais annos, que principião pela cultura dos rabanetes, passão as culturas do trigo, trefolio, leguminosas &c., para afinal tornar á cultura dos rabanetes.

Desta maneira, e com o auxilio do estrume, a terra conserva-se sempre n'um estado de fertilidade; e antes do total esquecimento do termo « terra cansada » não haverá no Brasil uma agricultura racional.

Se ha terras cansadas no Brasil ellas não existem senão por falta de conhecimentos agromomicos, porque na parte boreal da Europa todo o mundo sabe, que um vegetal que é sempre cultivado no mesmo terreno torna-se menos proveitoso, até finalmente dar um ren-

dimento que não paga mais as despezas da sua cultura. Este phenomeno é natural, quando se considera a natureza da planta, que exige para a formação de suas partes constituintes certas partes constituintes do terreno, as quaes vindo a faltar, não podem mais dar alimento á mesma planta. Isto porém não quer dizer, que a planta se alimento com as mesmas partes constituintes do solo no seu estado natural, mas antes u'uma fórma, em que ellas convém á sua natureza. Mas para obter esta outra fórma são necessarias as mencionadas partes constituintes do solo, de outra sorte ellas não podem ser de compostas e conduzidas á planta, que não póde receber como alimento, senão partes fluidas ou em fórma de gaz.

Todavia este estado não justifica ainda o termo de « terra cansada » porque o mesmo terreno tem abundancia de materias para o crescimento de outros vegetaes de differente composição.

Se por exemplo um alcali ou acido entrão em grande proporção nas partes constituintes de uma planta, e que o terreno não os contenha em quantidade sufficiente, esta planta não poderá prosperar. O trigo só em terra de pouso póde ser plantado duas vezes successivamente, porque elle requer muito acido silicoso e alcali, que o nosso terreno no norte da Europa não póde fornecer rapidamente. Pelo contrario a cevada permite ás vezes duas, e a aveia tres colheita successivas. Por esta razão um campo de trigo deveria estar sem cultura; até que a natureza tivesse produzido outra vez a necessaria quantidade de acido silicoso e alcali, mas como o descanso do terreno é sempre prejudicial ao proprietario, é preciso escolher plantas que não demandão estas substancias para o seu crescimento ou ao menos a requerem em menor quantidade.

Segundo recentes analyses a palha de trigo, trefolio, palha de ervilha, rabanetes &c., contem as seguintes quantidades d'alcali e acido silicoso na colheita de um hectare francez:

	Alcali.	Acido silicoso.
Palha de trigo	23,24 hilogr.	129,13 hilog.
Trefolio	144,00 »	28,80 »
Palha de ervil.	14,40 »	22,32 »
Rabanetes	112,20 »	12,75 »

Do que resulta que a palha de trigo exige de quatro até dez vezes mais acido silicoso do que o trefolio, palha de ervilhas e rabanetes, e que uma cultura continua de trigo não é possível, sem ao mesmo tempo poder fornecer-lhe a quantidade necessaria de acido silicoso. O mesmo póde dizer-se das outras substancias contidas no trigo; e tambem dos algarismos citados a respeito do alcali se vê

que a planta seguinte ao trigo exige muito mais, e a terceira muito menos alcali.

Depois d'esta digressão voltaremos de novo ao objecto das terras cansadas e virgens, mencionando algumas experiencias feitas aqui (Alemanha) com ambas as terras, observando todavia, que a terra virgem não pôde ser designada como tal, por haver sido já trabalhada um pouco.

Ambas as amostras vierão da vizinhança do Rio de Janeiro e derão os resultados seguintes :

TERRA VIRGEM.	TERRA CANSADA.
1.º. A terra virgem apparece no estado de pó pardo amarello ou castanho, refulgente de muitos pequenos fragmentos de mica.	1.º. A terra cansada apparece de uma côr sujo-cinzena misturada tambem de fragmentos refulgentes, mas em menor proporção.
2.º. Tirando o limo com agua, ficão 42.º de partes grossas, como quartz, mica &c.	2.º. Tirando o limo com agua ficão 80.º de partes grossas.
3.º. A terra virgem aquecida perde 12.º do seu peso, e o resto apparece de côr pardo vermelha misturado de folhetas de mica.	3.º. A terra cansada aquecida perde 6.º do seu peso, tomando então uma côr pardo-cinzena e pouco refulgente.
4.º. O acido muriatico não dissolve saes de cal, porém 6.º de terra argilosa e alcali.	4.º. O acido muriatico não dissolve saes de cal, mas tambem terra argilosa e alcali na quantidade de 5.º.
5.º. O alcali extrah 7.º de humus.	5.º. O alcali extrah 4.º de humus.
6.º. A terra virgem por causa da grande quantidade d'alcali, e humus é mui propria á cultura dos cereaes e grammas. A sua existencia é ostensivamente proveniente da decomposição de formações graníticas.	6.º. A terra cansada, ainda que mais fraca é tambem appropriada á cultura dos cereaes e grammas.

Segue-se d'estas comparações que a terra chamada cansada não o é, visto as suas partes constituintes; que sendo ella roteada até certa profundidade, apresentará por ventura proporções de maior vantagem na sua composição, e que qualquer que seja o resultado, esta terra é sempre constituida de modo a prestar-se á cultura dos cereaes e grammas, excepto todavia á daservas pratenses, como a Luserna, (*Medicago sativa*.) Tre-folio turco (*Onobrychis sativa*.) e as leguminosas, como feijões ervilhas lentilhas &c., que

demandão saes de cal para seu alimento. Todavia para remediar este ultimo defeito, ha bastantes meios de adubo, particularmente um espalhamento ligeiro de gesso, ou de pedra calcarea, ou d'ossos de animaes reduzidos a pó sobre a superficie da terra.

Por este meio todas as plantas acima ditas podem ser cultivadas com proveito na terra cansada, se a propria rotação das colheitas não fôr perdida de vista remunerando assim os cuidados do lavrador. Para os colonos do Brasil, estas *terras cansadas* podem ser consideradas como uma fonte de particular beneficio, podendo ser tornadas em regular lavoura immediatamente, e trabalhadas com o arado, grade, e enxada; e aquella parte situada na vizinhança de colonias nascentes, logo será transformada em jardins, e o ermo em campos cobertos de ricas colheitas.

Dr. Schmidt.

O Adolescente.

Os sonhos da adolescencia
Entretece-os a innocencia
De creanças e d'illusões;
Os venenos da incerteza
Não lh'os deo a natureza,
Que fôra em tanta pureza
Vasar o fel das paixões.

E' fervente a caridade
Que se tem n'aquella idade,
Como a dos anjos de Deos;
D'essa chama nasce a esp'rança,
D'ambos cresce a confiança
N'uma bemaventurança
Sem fim nos jubilos seos.

Na aurora da juventude
Vê-se em sonhos a virtude,
Crê-se em quanto ella nos diz;
Então cuida a phantasia
Encontrar á luz do dia
A imagem que nos sorria
N'aquelles sonhos gentis.

E' mui profundo o abysmo,
Que separa o egoismo
Da rigida abnegação;
Mas disfarção-lhe os horrores
Cá na terra as mesmas flores
Que escondem co'as suas cores
Soterrada podridão.

A vaidade é generosa,
A avaresa, cautelosa,
Não dá, para não pedir;
Mas dando, ou sendo mesquinha,
Qualquer das duas sosinha
Faz um papel de rainha
Que se costuma applaudir.

Certa mascara indulgente
Que muitas vezes nos mente
Encobre acção das mais vis ;
Enobilita-se a idéa
Que é de si proterva e feia
Em phrase que lisongeia
Os ouvidos juvenis.

E' prudencia a covardia,
Piedade a hypocrisia,
A preguiça é ocio e paz ;
E' bravura a crueldade,
O vicio é fragilidade
Segundo em vão persuade
Do mundo a lingua fallaz.

A misoria é necessaria
Para ser-lhe tributaria
Da opulencia a compaixão.
Chama-se ao roubo conquista ;
Fulmina-se o socialista :
O sincero é utopista
E' a inveja emulação.

E isto assim se accredita
N'aquella idade bemdita
Em que predomina a fé ;
A alma recebe e não pensa,
Como fez á luz da creença,
Tudo acceita sem diffença
Ingenua e pura como e.

Leem-se as paginas da historia :
Nadando em sangue a victoria
C'roa a fronte ao vencedor ;
Sonha-se então com a guerra,
E co'os arbitros da terra
De quem vão capricho encerra
Tão selvatico furor.

Sabem-se os versos d'Horacio,
Ama-se a falla do Lacio.
Adora-se o povo — rei,
Republicano absoluto
Que um clero potente e estulto
Conservava dissoluto
Co' o fanatismo por lei.

Sonha-se co' os velhos Lares,
Co' os mil deosos tutelares
D'ossas eras que lá vão ;
Quer-lhes tanto o adoléscente
Porque traz absorta a mente
Só no que lhe represente
O bello ideal pagão.

Entretanto aquelle peito
Não se julga satisfeito ;
Punge-o secreto pesar
Na sua credulidade
Espera a felicidade
Da intensa necessidade
Que ainda sente de amar.

Ama as florinhas do prado,
Ama as rosas do vallado,
Ama a pomba e o rouxinol ;
Ama as sombras do arvoredo
E o solitario penedo
Onde vai de manhã cedo
Espr'ar o nascer do sol.

Ama o pobre, porque é pobre ;
O fidalgo, porque é nobre ;
Ama o rico como o plebeu ;
Ama as fitas e as veneras,
Ama os brasões d'outras eras,
Ama os cordeiros e as feras,
Não tem limite amor seu.

Mas que sombra feiticeira
Lhe revoa á cabeceira
Em seus sonhos virginaes ?
Na voz no gesto e figura
Tem dos anjos a doçura,
Dos fados a formosura,
A modestia das vestaes.

Na vigilia, o pensamento
Não lhe repousa um momento,
Nem pretende despertar !
Solto dos terrenos laços
Segue um vulto nos espaços,
Que lhe estende os meigos braços
Para mais o enfeiticar.

Da virtude o porte austero,
O rosto nobre e severo,
Não foi o que elle sonhou ;
As estatuas fabulosas
São de nove, mas sem rosas ;
Se tem formas voluptuosas,
Rijo marmore as gelou.

E no vaporoso vulto
A quem rende vivo culto
No allar do seu coração,
Os olhos adormecidos
Virão-se n' outros perdidos,
Abrasando-se os sentidos
A' luz da imaginação.

Ama-se então essa imagem
Abre-se ignota voragem ;
Surge a serpente do po.
N'aquelle sonho defecto
Emprega-se todo o affecto.
Arde em dilirio o indiscreto,
Porque n'elle o emprega so.

— Do teu feliz optimismo
Que tomava o egoismo
Por virtude e valor
Que fizeste, incauto moço ?
Derribou-t'o o alvoreço
De ergueres outro colosso
No teu phantastico amor ?

— Suspiras? Então padecos.
Tu cantavas? ! emudeces.
Amavas tudo? ! ... já não.
Que desejas? tudo e nada ...
Trazes a alma transformada
Desde que á sombra encantada
Immolaste o coração.

— Mas se eu torno sempre a vel-a...
— Onde? — vejo-a em cada estrella,
Que ali no ceu me seduz;
Vejo-a na flôr innocente,
Que emballa a briza indolente;
Vejo-a em tudo quanto sente,
Mostrão-m'a as trevas e a luz.

Correrão tres primaveras
— Como outr' ora, inda hoje esperas,
Crendo em teus sonhos febris.
Em lagrimas e agonias
Mudarão-se as alegrias
Do eden em que vivias
N' outro tempo tão feliz.

— Mancebo, não desanimes;
Os esforços são sublimes
D'essa tua aspiração
Avante, avante, procura
A impossivel creatura
Creada pela candura
Com que sonhavas então!

Esse espirito celeste,
Qual a minha alma o reveste,
Apenas serão ficções; ...
Inutilmente o procuro:
— Sempre, sempre eu t'o juro
N'esse turbilhão impuro
De ephemerassaffeições.

— Caricias, festas e riso
Florirão-te o paraíso
Do teu namorado abril,
Illusões, crenças e amores,
Quaes matutinos alvares
Forão como os precursores
D'um delirio juvenil.

— Tinhas fé immaculada,
Esperança illimitada
Nas fragoas do teu amor.
Resumio-se todo o affecto
N'esse imaginario objecto;
Divagou-te o animo inquieto
Co'o fantasma seductor.

Agora que desespera
De encontrar uma chimera
Que fez elle? duvidou.
Duvidou de si primeiro
Duvidou do mundo inteiro,
Duvidou por derradeiro
De tudo que mais amou.

— Eras feliz; foste ousado;
Quizeste o pommo vedado
A's terreaes solidões,
Abalarão-se-te as crenças,
Não pensavas como pensas,
E' por que são hoje immensas
As tuas hesitações.

— Hesitas co' amidade,
Hesitas com a verdade.
Com tudo hesitas, emfim;
E da tua adolescencia,
Resta um marco na existencia;
Onde escreveu a innocencia
« Tenho saudades de mim.

Luiz Felipe Leite.

Illustração Luso-Brazileira.

ROMANCE.

Ir á Roma e não vêr o Papa.

(AVENTURAS DE UM CAÇADOR.)

Continuação do n. 11.

CAPITULO V.

DE COMO O SR. LUIZ LOUET PASSOU UMA NOITE AO RELENTO, E DO QUE LHE SUCCEDEU NOS POMARES DE HYERES, QUE NÃO SE DEVEM CONFUNDIR COM OS DAS HASPERIDES.

— Havia muito tempo — continuou o narrador — que eu tinha desejos de ir a Hyères, para comer laranjas apanhadas na arvore. Dei emfim ao diabo o melro. Começava a acreditar que era realmente uma ave encantada. Tinha-o visto transpôr as muralhas da cidade, e pousar n'um pomar. Vão lá achar um melro n'um pomar! E sem cão de mais a mais! Era, como se diz, agulha em palheiro!

Entrei, suspirando, n'uma hospedaria. Pedi a cêta, e, enquanto esperava por ella, fui até ao pomar da casa regalar-me de laranjas: já se vê, com a condição de m'as metterem na conta. Não sou nenhum parasita; não queria as laranjas de graça.

Estava menos cansado que na vespera, meus senhores, e não tinha andado menos. A gente costuma-se a tudo, até a correr atrás de um melro.

Era o melhor tempo da laranja. Imaginem umbos que espesso de laranjeiras, todas carregadinhas. O jardim das Hesperides... sem o dragão. Se digo jardim das Hesperides, é pura metaphora, pois que me achava ainda em França.

— Está claro! — interrompeo Mery com uma paz de espirito incomparavel.

— Não tinha mais que estender as mãos, — foi por diante o Snr. Luiz Louet. — Entrava eu já pela terceira, com casca o tudo, quando de repente, ouço cantar um melro.

— O mesmo? — interrogou Dumas.

— Agacho-me; fito os olhos n'um raio de luz que vinha do céu, e que hei de vêr entre mim e as estrellas! O melro, o sobredito, o mesmo exactamente, sem tirar nem pôr, conhecia-o já como se o tivesse creado em casa. Estava pousado... pousado a quinze passos, o muito!

Estendo a mão como para travar da espingarda... Qual espingarda! A maldita, tinha-a eu deixado ao canto da cosinha na hospedaria. Via-a d'onde estava, toda estiraçada, a madraça, e não lhe podia chegar. No entanto apontava ao melro com os dedos, e dizia comigo:

— Anda tratante, anda que sempre és muito feliz. Canta para ahí, canta: se tivesse a minha espingarda á mão, eu te faria cantar!

— Mas porque não ia buscar a espingarda? — perguntou um dos circunstantes.

— Sim, para o melro se me safar emquanto já — tornou o pertinaz caçador; — Para se me sumir em desconhecidas regiões! Fôra um milagre da Providencia encontral-o outra vez; não queria perder a occasião.

Tinha já um plano. Queirão reparar bem para o argumento.

Mandei preparar a ceia, — pensava eu. — A ceia está prompta mais hora, menos hora. Em o estando, o homem da hospedaria, não me vendo apparecer, e sabendo que estou no pomar, vem, ou manda procurar-me. A pessoa que vier, digo eu logo: « faz favor, alcança-me aqui a minha espingarda. » Percebem agora?

— Profundamente combinado! — disse Méry, que se se tinha feito o cortesão principal do Sr. Luiz Louet.

— Deixei-me pois ficar onde estava, — proseguio este — sem tirar os olhos do melro. O descarado cantava, cantava, debicava-se, mirava-se, apurava-se, conchegava-se, fazia-se lustoso, e peralta como um memorado para o primeiro encontro: era como um insulto; parecia adivinhar que o inimigo estava desarmado.

N'isto ouço passos atraz de mim. Sem voltar o rosto aceno com a mão para recomendar silencio.

— Queira perdoar. Incommodo-o? — diz-me o dono da hospedaria em pessoa.

— Nada, não, — torno-lhe eu. — Faça favor de se chegar de vagarinho.

O homem approximou-se com toda a cautella.

— « Olhe para ali, ali... na direcção do meu dedo... isso... vê... que é aquillo? »

— « É um melro » respondeo elle afirmando-se.

— « Justo. Caluda! va me buscar a minha espingarda. »

— « Para que? »

— « Va buscar.

— « Quer matar o animal? »

— « Este animal é o meu mais encarniçado inimigo.

— « Não duvido; mas não pôde ser.

— « Não pôde ser o que? »

— « Não lhe pôde atirar.

— « Como? Não posso atirar ao melro! Porque? »

— « E' já tarde.

— « E' tarde para matar um passaro! »

— « Quem dá um tiro dentro da cidade, passando as Ave-Marias, paga tres francos e dous soldos de multa, e tem dous dias de cadeia. Veja se quer.

— « Quero, sim senhor. Irei para a cadeia, e pagarei a multa, se não pôde ser por menos. Va-me buscar a espingarda.

— « Mas é eu que não estou pelos autos. Para me darem por cúmplice, e fazerem-me pagar tambem! Nada, nada. Amanhã, em sendo dia.

— « Amanhã! — clamo eu desesperado, e em voz mais alta que prudente, — Amanhã tem-me elle abalado.

— « Achará outros. Melros não faltão.

— « O caso é com este. Quero este. Bem me importão os outros! Não sabe que venho atraz d'elle desde Marselha. Quero-o seja como fôr; quero-o, para o matar, para o depennar, para o assar, para... Va-me buscar a espingarda.

— « Se lhe digo que não pôde ser. Não tenho appetite de ir para a cadeia de companhia com o senhor.

— Não vai buscar a espingarda? então vou eu.

— « Ah! sim! vai? Pois digo-lhe que já o não encontra cá, o melro... »

— « Que diz! atrevo-se a espantal-o? — o ciferio eu ao homem deixando-lhe a mão a vestia.

— « Prrrrrruu! — grita elle ao passaro.

Puz-lhe a mão na bocca, o implorei-o contendo-me:

— « Accomode-se. Esta d'uo, não atiro, vá-me buscar a espingarda, e dou-lhe a minha palavra que não faço logo antes das Ave-Marias da madrugada. Palavra d'honra! A fé de homem de bem! Está satisfeito? Va-me buscar a espingarda. Passo a noite aqui, e amanhã, em dando a última badalada ao melro.

— « Ora adeos! palavra de caçador. Não me fio n'ella. Outra coisa melhor.

— « Outra coisa, qual? Repare. Não vê? Parece mesmo que está zombando de mim, o demonio do animal. Vamos lá diga o que tem para dizer.

— « Deixo-se ficar ahí se quer. Eu lhe mando a ceia. Não lhe ha de faltar nada. De-

pois de cêiar, se tiver vontade de dormir, estenda-se na relva.

— « Dormir eu! Não me conheço. Não prego olho toda a noite. Se adormeço, foge-me.

— « Amanhã então...

— « Amanhã?

— « Amanhã, ao toque de Ave-Marias, trago-lhe a espingarda.

— « O senhor abusa da sua posição.

— « Deixe-se d'isso. Póde aceitar, ou deixar de aceitar.

— « Não me quer ir buscar a espingarda? Veja bem.

— E' tempo perdido. Nem vou, nem lh'a dou. Não lh'a trago, nem lh'a deixo trazer.

— Então mande-me a cêia, e recommendo que não fação motim que o afugente.

— « Não tem perigo. Quando elle não fugio com a algazarra que lhe temos feito, já se não vae embora. Olhe, olhe... lá se deita.

Effectivamente, o animal escondia a cabeça debaixo da aza. Os senhores sabem de certo que é a maneira de dormir de quasi todos os volateis.

— Sabemos, sabemos!

— Logo vi. Com a cabeça debaixo da aza não me podia vêr, de fórma que se, em vez de estar a quinze pés de altura, me estivesse ao alcance, não havia nada mais facil do que chegar-me, pé ante pé, e pegar-lhe como pégo n'este copo de ponche.

Desgraçadamente, estava muito alto. Assentei-me portanto a espera da cêia. O homem foi de palavra. A verdade acima de tudo: era bôa pessoa o dono da hospedaria. O vinho não era máo... não tão bom como o que nos deo, o Sr. Méry... mas muito soffivel, e a cêia succalenta... tambem se não compara com a d'esta noite, que a d'esta noite era uma cêia de Balthasar... o Balthasar da escriptura, advirtão... mas emfim, para cêia de hospedaria, não havia que dizer.

Os circumstantes celebrarão devidamente a cortezia e a intelligencia gastronomica do Sr. Luiz Louet, que atou o fio do seu discurso d'este modo:

— Como é fragil o homem, e como são incertas as suas resoluções!

— Reflexão altamente philosophica, — ponderou Dumas.

— Ainda bem não tinha ceiado, seguiu o narrador depois de agradecer com o gesto, — ainda bem não tinha ceiado, sinto-me a cair de somno. Fechavão-se-me os olhos sem eu querêr. Arrégalava-os, esfregava-os, beliscava às coxas, trincava as pontas dos dedos... era o mesmo que nada. Não dava accordo de mim. Tanto valia adormecer. Deixei-me dormir.

Dormindo, parecia-me vêr a arvore em que

pousava o melro, como as arvores do theatro de Marselha, — que é um theatro perfeitamente mechanizado, — a soverter-se pouco a pouco pelo chão, até me ficar a copa ao nivel do peito. Figurou-se-me que estendia o braço e apanhava o melro á mão.

Com este movimento accordei.

O melro estava ainda no mesmo lugar, e na mesma postura.

Espertei de todo, e não tornei mais a dormir.

Ouvi as duas, ouvi as tres, ouvi as quatro... Amanheceo emfim. O melro acordou tambem, e começou a voltar e a chilrear com um desembaraço e um desfastio que me desafiavão mil imprecações... Eu dava-me a perros, temendo a cada passo que levantasse o vôo... Por fim, ouvi as badaladas das Ave-Marias... Nem respirar podia com a ancia.

O dono da hospedaria não me faltou. Ao primeiro toque appareceo com a espingarda.

Eu fiz-lhe signal para que se despachasse; mas o maldito não me quiz entregar a espingarda sem ouvir bater a ultima pancada do sino.

Quando m'a ia a dar o melro soltou um pio.

Como para saudar o sol nascente!

E voou.

CAPITULO VI.

DE COMO O SR. LUIZ LOUET, ATRAZ DO MELRO, PASSOU DE FRANÇA A ITALIA E SE ACHOU SOBRE AS AGUAS DO MAR.

— Apenas vi partir o melro, — proseguio o Xenofonte dos caçadores, — arremeti ao muro do pomar e trepei por elle até lhe cavalgar a crista. Gálgaria uma torre se a tompasse diante. O melro pousou n'uma ceara de centeio. Não tinha atinocado ainda o animal; a natureza imperiosa instava-lhe pelos seus direitos.

— Admiravelmente expresso, — disse Méry envolvendo-se n'uma nuvem em pouco como uma divindade mythologica.

O Sr. Luiz Louet sorriu ao cumprimento como quem já estava habituado a elles, e foi por diante:

— Tendo verificado o pouso do passaro saltei para o outro lado do muro, atirando ao dono da hospedaria com a importancia da cêia... pouco mais ou menos... e desatei a correr para o campo de centeio. Ia tão cego com a ave que nem vi o guarda atraz de mim. Quando eu estava já no meio da ceara, presentindo o melro que dava signal de si espantando-se todo entre a relva, muito contente do seu almoço pelos modos; quando eu es-

tava mesmo a fazel-o levantar, meus senhores... querem saber o que me aconteeo?

— Que lhe aconteeo? — gritarão todos.

— Sinto-me agarrar pela gola. Volto: era o guarda.

— « Em nome da lei, — grita-me elle — queira acompanhar-me á casa do nosso Maire. »

N'isto o melro vòou.

Cercado de um regimento que eu estivesse, romperia por elle para ir atraz do animal. Preguei com o guarda no clião como se fôra uma carta dobrada, d'aquellas que as creanças enfileirão para as derrubarem juntas de um sopro, e sai ás carreiras d'aquelle territorio pouco hospitaleiro.

Felizmente o melro, satisfeito e reconfortado, arrancára um vôo extensissimo, de sorte que em pouco me achei consideravelmente distanceado do meu antagonista.

Quando cheguei ao ponto em que o animal pousára de novo, já com os bifes á bocca, de tal modo que por mais que quizesse firmar a pontaria nunca me fôr possível quadral-o bem, nem enfiar-o na mira. Vendo que nada conseguia n'aquella occasião, disse comigo « é o mesmo, nem sempre está o demónio atraz da porta: » e continuei a seguir e perseguir o animal.

Andei ainda todo esse santissimo dia. Para maior ajuda, tinha-me esquecido toda a qualidade do provimento. Levava a bolsa completamente vazia. Sustentei-me de fructos silvestres, e bebi a agua das torrentes.

— Como Nemrod.

Todo eu escorria em suor. Devia estar de metter medo!

Cheguei assim á margem de um rio sem agua.

— Era o Var, — disse Méry.

— Exactamente, era o Var, — acudio o Sr. Luiz Louel. — Atraxesse-o, sem saber que na outra margem pisava já o solo estrangeiro. Que me importava! Se eu via o melro saltando a duzentos passos na minha frente, n'um terreno pedregoso e claro, sem o mais tenue ramusculo que o pudesse subtrahir ás minhas vistas! Fui-me approximando pé ante pé, mettendo a arma á cara de dez em dez passos. Estava-me já a pouco mais de tiro de espingarda, quando de repente um milhafre, um desalmado milhafre, que eu já tinha visto a girar em cima do quasi por cima da minha cabeça, deixa-se cahir como uma pedra, aferra o melro, e desaparece com elle!

Fiquei aniquillado, meus senhores! Então é que eu senti o estado em que estava. Tinha o corpo uma chaga com as urzes e os cardos. Trazia o estomago revolto das extravagancias com que tentara enganar-o. Cai á beira da estrada.

N'isto passou um camponez.

Levantei-me como pude e disse-lhe:

— Haverá por aqui perto uma villa, uma aldeia, uma cabana?

— *Gnor si*, — respondeo-me o homem, — *c'è la città de Nizza, una miglia avanti.*

Estava na Italia, nem mais nem menos. E n'essa epocha sem saber nem palavra de Italiano, se quer! Tudo por um maldito melro.

— O que é a paixão da caça!

— Dizem bem, é uma paixão... infeliz. Verão agora.

Não podia comigo; não tinha remedio senão arrastar-me até Nizza que era o que me ficava mais perto. Os pés tinha-os como cepos. Encostei-me a espingarda como se fosse uma muleta. Gastei hora e meia a andar aquella milha, e tinha corrido leguas e leguas sem me sentir!

— E' porque já não o alentava a esperança!

— Fora-se-me de todo a esperança, é verdade: ficara-me só a fraqueza.

Entrei enfim na cidade. Perguntei a primeira pessoa que vi onde haveria uma hospedaria capaz, porque já vêem que estava morto de debilidade.

Felizmente entenderão-me e ensinarão-me para o hotel de York. Era o melhor da povoação.

Pedi quarto para um, e cêia para quatro.

— Espera por tres amigos, o senhor? — perguntou o criado.

— Faça o que digo, e deixe o resto, — redargui seccamente aquella interpeção indiscreta.

O criado saio todo casmurro.

Examinei enfão o que levava na bolso, na idéa de veriflear a somma de que podia dispor para a minha cêia, porque se me figurava que nunca me fartaria. Estava ainda no começo das minhas tribulações.

Metti a mão com plena confiança e tirei-a coberta de suores frios. Não sei como não cai ali redondo com um desmatol!

— Porquo?

— Estava roto o bolso! Fazio idéa.

Como era principio de mez, e eu havia recebido o meu ordenado do theatro, tinha-me provido, quando partira, para a espera em Marselha, de algumas moedas de 50 francos para o que desse e viesse. Com o pé do e as carreiras, rompeo-se-me o forro, e ficaram-me semeadas em companhia do elumbo perdido no caminho de Hyeres a Nizza. Revolvi as algibeiras do colote, as da vestia, tudo. Nem um obolo! Não atavosaria o Stygio, porque nem para uma pinga podia dar o Charonte.

Esta facecia mythologica, destinada a fazer admirar aos circunstantes a vasta erudição do

Snr. Luiz Louet, obteve um applauso mediocre.

O narrador tendo dado em vão a pausa necessaria para saborear o effeito da phrase, d'esta vez remisso, continuou como quem de-seja desferrar-se:

— Veio-me logo á idéa a minha cêia encommendada para quatro pessoas, e senti espantarem-se-me os cabellos na cabeça.

Atirei-me ao cordão da campainha, e por um nada que me não fica na mão.

O criado veio á desfillada. Imaginou que me tinham entrado ladrões no quarto, ou estava com a faca no peito.

— « Encommendou a cêia? » — gritei-lhe esbaforido apenas o avistei.

— « Encommendei. Está quasi prompta.

Os senhores sabem, em todos os paizes do mundo, é sabido que nas casas de pasto, cafés, e hospedarias, o que se encomenda está sempre quasi prompto, bem que nunca chegue.

— « Encommendou! » — bradei-lhe eu como se o pobre do rapaz tivesse cometido um attentado. — « Pois vá já dizer que não quero cêiar. Vá no mesmo instante.

— « E os seus amigos? »

— « Vi-os da janella. Passavão por baixo. Disserão-me que não vinhão.

— « Não vêem! — Sem mais nem menos! Porque?

— Porque perderão o appetite.

— « Mas o senhor sempre ha de cêiar.

— Quando os meus amigos não têm appetite, nunca eu o tenho tambem, fique sabendo.

— « Jantou tarde talvez?

— « Tardissimo. Tenho ainda a sobremesa na garganta.

— « Não precisa de mais nada?

— « Mais nada.

Disse-lhe estas poucas palavras n'um tom que o aterrou. Quando saio onvi-o responder no corredor a um companheiro que lhe perguntava quem eu era:

— « Não sei: é um bruto de soberba.

— « Então é um inglez, — concluiu o outro.

Eu inglez! Veirão a que tinha chegado! os rapazes não erão physionomistas.

No entanto a minha posição não tinha nada de agradável. O meu fato estava em tiras, e já não podia ter o minimo valor. Restava-me a espingarda. Mas quem me havia de querer a espingarda, e quanto me darião por ella? Uma ninharia naturalmente. Levava no dedo um solitario... era este mesmo, meus senhores... mas era uma memoria...

— Puramente sentimental? — interrompeo Méry, que sabia os fracos do Snr. Luiz Louet.

— Respeitemos o passado — accudiu o cagador com um Larraga inteiro na ingenuidade hypocrita do cerrar pudico dos olhos, e urra ode anacreontica no sorriso serodio e travesso.

— Em todo o caso, — accrescentou, — quisera, antes morrer que separar-me d'uma prenda para mim de tantas saudades. Lembrei-me do anexam, que para os casos de apuro applica o remedio de « conversar cada qual sober o seu travesseiro. » Reflecti que a applicação não podia vir mais a proposito do que no meu caso, e enfiiei-me nos lençoes. Causa incrível, meus senhores! Estava tão cansado que, apesar de ter o estomago vasio, e a bolsa não menos, adormeci immediatamente.

Quando accordei tinha fome canina. Como naturalmente sabem, esta designação passa dos animaes ao homem quando a necessidade de alimentação é n'este levada ao ultimo periodo.

Assentei-me na cama para assentar tambem no que devia fazer, e principiei a meditar na minha situação, voltando o polegar direito em roda do polegar esquerdo com progressiva inquietação, signal de preocupação extrema, quando de repente, descobrindo um *violoncello* ao canto do meu quarto, soltei um grito de alegria.

Talvez uns digão — que n'um *violoncello* a unica afinidade que ha com um homem que não jantou nem cêiou na vespera é não ter no ventre senão ar como elle!

Pois enganão-se. Havia outra afinidade; e maior. Era como um rosto conhecido que achava de repente um paiz estranho. Era quasi um amigo, meus senhores. Posso-lhes dizer que sou igualmente forte no baixo e no contra-baixo. Toquei sempre indistinctamente os dous instrumentos; e, se hoje me estão vendo acompanhar no rebecão grande, nem por isso deixo de exercer largamente a arte no *violoncello*. Foi mesmo por onde principiei. D'este modo, um homem que tem vivido dez annos asio com um instrumento, pôde dizer sem presumpção que está identificado com elle. De mais a mais, tinha sempre observado em mim que nada me desperta tanto as idéas como o som do *violoncello*. Toca algum instrumento Snr. Alexandre Dumas?

(Continúa).

RIO DE JANEIRO.

TYP. IMPARCIAL DE SILVA JUNIOR

Rua da Carioca n. 23.

1856